

# **DESAFIOS À IMPLEMENTAÇÃO DOS *PERSONAL LEARNING ENVIRONMENTS* NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA ACORDES COM O NHC *HORIZON PROJECT***

**Vitória da Conquista – BA – Maio 2013**

Marcelo Nolasco – UESB – mnolasz@gmail.com

Lucas Campos – UESB – lusanpos@gmail.com

**Categoria: C**

**Setor Educacional: 3**

**Classificação das Áreas de Pesquisa em E a D  
Macro: B/ Meso I/ Micro M**

**Natureza: B**

**Classe: 1**

## **RESUMO**

*A produção acadêmica sobre inovação acadêmica nas atuais estruturas didático-metodológicas no ensino superior do Brasil revela um insuficiente suporte bibliográfico. A elaboração deste artigo objetiva discutir a inovação da práxis didático-metodológica no ensino superior do país, com base na implementação dos PLE (Personal Learning Environments) como componentes à inovação. Adotou-se a metodologia de exploração desse campo, a partir de documentos disponíveis em Internet. A discussão parte da análise do Relatório Horizon NMC-UOC. A argumentação aponta a necessidade de se discutir a questão da inovação no ensino superior e propor a inserção dos PLE no âmbito do aprendizado, como uma ação inovadora, propiciando uma experiência holística ao aprendente para que possa atuar nos diversos contextos da vida, autônoma e significativamente.*

**PALAVRAS CHAVE: PLE; Inovação; Aprendizagem; Metodologia; Graduação.**

## Introdução

A partir de breve revisão da literatura acerca da práxis de inovação acadêmica na educação superior brasileira, é possível observar, com base em consulta aos principais buscadores de trabalhos acadêmico-científicos, disponíveis na Internet, uma incipiente ou insuficiente bibliografia relativa a essa questão.

Pressupõe-se, como parte da ação de internacionalização adotada por diversas instituições de ensino superior em vários países, a implementação de estratégias, tais como redesenho curricular, acesso a novas tecnologias, mobilidade acadêmica e estudantil, etc., como fator preponderante a este processo (AUPETIT, 2006). Entretanto, conforme assinala Faria (2012), o conceito de inovação em educação está basicamente associado à ideia que vincula inovação às tecnologias emergentes, aplicadas aos processos educativos, o que gera uma imagem equivocada de que implementar tecnologia pressuporia inovar na práxis educativa.

Este artigo discute a questão da inovação didático-metodológica aplicada ao contexto da realidade da educação superior brasileira, tomando como base o *NHC Horizon Report: Perspectivas tecnológicas – educação superior na Ibero-américa 2012-2017 – Uma análise regional do Relatório Horizon NMC e da UOC* que, entre outros aspectos, ressalta a inserção dos Ambientes Pessoais de Aprendizagem ou PLE (em diante, de seu acrônimo em inglês *Personal Learning Environments*), como estratégicos à inovação acadêmica (DURALL et al., 2012).

Diante da dificuldade em identificar aquelas ações didático-metodológicas tidas como inovadoras, adotadas nos mais de 11.000 cursos de graduação ofertados no país (INEP, 2011), a discussão toma como critério a argumentação na planificação das ações previstas neste relatório, que pretende dar a conhecer e orientar gestores e responsáveis pelo ensino superior, sobre as tendências e os avanços tecnológicos que visam a corroborar com os principais desígnios da educação superior: o ensino, a aprendizagem e a pesquisa (DURALL et al., 2012).

## Inovação Acadêmica

Tratar de inovação acadêmica no contexto da educação superior brasileira pressupõe uma pauta recorrente na agenda de seus atores e agentes institucionais. Dessa forma, caberia a apropriação daqueles referentes institucionais associados a tal práxis, ou seja, identificar a produção científica ou os programas oficiais que marcam esta tendência, a fim de identificar em que situações ou contextos se aplicam.

De acordo Teixeira (2011), ainda que as discussões iniciais sobre inovação educacional no Brasil tenham ocorrido a partir dos trabalhos de Saviani, Ferretti, Wanderley, Goldenberg e Krasilchik, recopilados por Garcia (1985), é por meio do mundo da administração e da produção que o conceito de inovação é importado para a educação, arraigado por uma visão de ciência e tecnologia como determinantes do desenvolvimento social. Porém, de acordo com o que adverte Garcia (1985), inovação não é um conceito neutro e, quando aplicado à educação, deverá vir acompanhado das seguintes premissas: a quem interessa; por quem foi proposto ou implementado e a quem poderá beneficiar uma possível inovação?

Pachane (2004) destaca que as mudanças que vêm ocorrendo no âmbito da educação superior nos últimos anos, geram a necessidade da realização de significativas modificações nos processos educativos, dado entre outros fatores, a uma maior democratização do acesso e conseqüentemente levando a uma maior heterogeneização de seus círculos acadêmicos.

A autora situa ainda que o pensamento predominante no ensino superior é exclusivamente voltado à formação profissional, considerado também como ponto final da escolarização, ignorando com isso outros papéis formativos que deveriam forjar novas trajetórias de aprendizagem análogas a formal – o *lifelong e lifewide learning*, por exemplo. De acordo Delors et al. (1998), o processo de aprendizagem não se restringe apenas ao âmbito acadêmico, é preciso uma compreensão de dimensão social da real necessidade em se integrar e, sobretudo, reconhecer as diversas possibilidades de aprendizagem oferecidas pelos diversos domínios sociais.

## ***Personal Learning Environments (PLE)***

*Personal Learning Environment* é um conceito que surge a partir das mudanças experimentadas na educação, impactada pela aplicação de tecnologias emergentes em seus processos formativos, derivantes das transformações socioculturais vivenciadas nas últimas décadas.

Parece haver certo consenso entre os autores (MOTA, 2009; BUCHEM; ATTWELL; TORRES, 2011; ; ADELL, 2013) quanto as discussões que desencadearam as ideias iniciais acerca dos PLE: a publicação de um diagrama proposto por Scott Wilson (2005), em uma entrada em seu blog, denominada "*VLE of the future*" em referência ao futuro dos *Virtual Learning Environments* (VLE).

Essas discussões são decorrentes, entre outras coisas, da atenção dada, no campo das tecnologias educativas, às melhorias advindas dos VLE: consolidação e fusão de produtos (WebCT e BlackBoard); regime de padronização e especificação de referências (SCORM) e investimentos realizados em versões de código aberto (MOODLE) (WILSON et al., 2006).

De acordo Wilson et al. (2006; 2007) e Attwell (2007), a experiência educativa *on-line*, suportada apenas por estruturas baseadas somente em VLE, começaram a experimentar importantes discrepâncias e questionamentos quanto ao seu desenho instrucional, em razão principalmente da experiência de aprendizagem realizada: modular; linear; transposta e isolada.

Estabelece-se então, um diálogo em torno aos PLE, de maneira a reconhecer as tendências emergentes que foram sendo associadas a este âmbito: aprendizagem ao longo da vida, aprendizagem informal, diferentes estilos de aprendizagem, novos enfoques para o reconhecimento e a avaliação da aprendizagem, mudanças tecnológicas, mudanças na forma de aprender (ATTWELL, 2007).

Conforme indicam Castañeda e Adell (2013), é a partir da primeira conferência internacional dedicada aos PLE (*PLE Conference*), celebrada em Barcelona no ano 2010, que se estabelece um foro permanente que não discute o tema de forma periférica à tecnologia educativa e sim como um eixo central em que se pode ampliar e debater outros temas, dada a profusão de publicações, artigos e discussões promovidas na web.

No âmbito desta discussão, corroboramos com a ideia, acerca dos *PLE*, proposta por Segura e Quintero (2010, p. 7) como sendo "*el conjunto de herramientas, fuentes de información, conexiones y actividades que cada persona utiliza de forma asidua para aprender.*"

### **PLE + Inovação (discussão, problematização)**

Discutir inovação desde a perspectiva da educação superior brasileira, é uma trajetória ainda em construção. Assim, tomamos como referência o documento *Desafios e Perspectivas da Educação Superior Brasileira para a próxima década: 2011-2020* (SPELLER; ROBL; MENEGHEL, 2012), elaborado pela UNESCO, o Conselho Nacional de Educação e o Ministério da Educação, que busca coadunar as metas e ações nacionais para a próxima década, ao debate internacional acerca da promoção de alterações em seus sistemas, a fim de que se estimulem e se favoreçam novas formas de aprendizagem de produção, gestão e aplicação do conhecimento (p. 7).

O texto contém as premissas entendidas como fundamentais à implementação de políticas da promoção da qualidade, da ampliação e da democratização (SPELLER; ROBL; MENEGHEL, 2012, p. 8). Estabelece também eixos norteadores, tais como: experiências recentes de inovação na educação superior – o contexto internacional; uso de tecnologias na educação superior e, educação superior – expansão qualificada.

Ainda de acordo o documento, as IES ao redor do mundo, têm sido incitadas a se inclinarem a absorver e a se modificarem frente às transformações socioculturais em curso. Esta capacidade, conforme assinala o documento, é comumente designada como inovação, é dizer "a propriedade de renovar-se, de modificar padrões estabelecidos, de romper paradigmas e de reinventar-se." (SPELLER; ROBL; MENEGHEL, 2012, p. 45).

O cerne da discussão se refere mais a problematização paradigmática das IES nos contextos sociais em que estão inseridas, é dizer, "dimensões éticas, políticas, culturais, científicas e sociais que decorrem de iniciativas, experiências e processos de inovação e transformações em curso no âmbito da educação superior." (SPELLER; ROBL; MENEGHEL, 2012, p. 47).

O capítulo sobre o uso das tecnologias no ensino superior, o texto de

Kenski (2012) consubstancia nossa discussão quanto ao emprego de tecnologias emergentes nos processos formativos, como práxis de inovação educativa, tendo em vista que o debate proposto por Xanthopoulos (2012) converge exclusivamente para a ideia de tal uso aplicado para a oferta e melhoria da EaD.

Entendendo que os processos formativos mediados por tecnologias não se restringem a EaD. Corroboramos com Kenski (2012) quando ele afirma que as inovações vinculadas a tecnologização das IES brasileiras não produziram substancialmente nenhuma mudança nos processos tradicionais de ensino, cujas práticas pedagógicas continuam iguais e que "a nova cultura da sociedade da informação passa ao largo dos cursos e das aulas (presenciais e a distância) no ensino superior." (SPELLER; ROBL; MENEGHEL, 2012, p. 116).

É preciso que se institua na agenda das IES, bem como entre os agentes promotores de sua implementação, um foro permanente a respeito das práticas educativas, visto que tecnologias emergentes podem, e devem estimular a formulação de práticas inovadoras, ajustadas a realidade social que, por sua vez, tem em Internet seu espaço natural (DUART; LUPIAÑEZ, 2005).

Propor a integração dos PLE dos discentes como componentes permanentes ao currículo, contribuiria não apenas para uma intervenção de vanguarda no âmbito do ensino superior, mas corresponderia a uma ação inovadora. Tal integração, porém, implica superação da resistência docente quanto a implementação de elementos tecnológicos em seus fazeres pedagógicos.

Essas resistências podem ter suas origens em dois fatores: "complexo de Prensky" (ESPEJO, 2007) – angústia gerada decorrente da inexperiência e da brecha geracional relativa os meios informáticos ou, ao que assinalam Feldkercher e Matias (2011), quanto a implicação de uma nova metodologia de ensino por parte de docentes pouco familiarizados com tecnologias.

Neste sentido os PLE poderiam auxiliar aos docentes na superação destas resistências, pois sendo componentes de um ecossistema de aprendizagem, poderiam estar integrados aos *Personal Learning Networks* (PLN) dos professores.

## Considerações Finais (sugestões de ações futuras)

Ao tratar de tecnologias disruptivas aplicadas a educação, como no caso dos PLE, tentamos abordar aqueles aspectos tidos como inovadores nas práticas “metopedagógicas” na educação superior brasileira. A proposição contida nos documentos norteadores apresentam predições no uso de tecnologias como aspectos de inovação no âmbito da educação superior, bem como as dificuldades quanto a sua efetiva implementação.

É necessário que a academia repense o papel do ensino na articulação de um modelo inovador. Para tanto a oferta de modalidades híbridas de educação, reuniria as condições necessárias para a implementação de ditas práticas inovadoras.

Estimular a estruturação dos PLE dos alunos em harmonia aos seus fazeres acadêmicos, lhes proporcionaria a aquisição e/ou o aperfeiçoamento de capacidades estratégicas para lhes dar a confiança necessária à performance de atividades relacionadas com contextos laborais e/ou sociais, em constantes processos de inovação.

Dessa forma, o aspecto inovador não estaria limitado somente a tecnologização ou a melhoria “metopedagógica” no ensino superior, mas diria respeito também ao papel do professor em dito processo, atuando como tutor *sênior* ao lado de alunos *juniores*, desprovidos, em geral, de experiências de aprendizagem enriquecedoras, mas com uma alta capilaridade no uso das tecnologias emergentes e disruptivas.

A partir dessas considerações, esperamos poder contribuir com o estímulo ao debate acerca dos PLE nos círculos acadêmicos, a fim de se consolidarem como componentes curriculares no ensino superior, e que efetivamente sejam reconhecidos como elementos que estimulem a capacidade de aprender a aprender, bem como que favorecem a aprendizagem permanente, coadunados aos princípios estabelecidos nos documentos discutidos neste artigo.

## Referencias

- [1] ATTWELL, G. *Personal Learning Environments - the future of eLearning?* **eLearning Papers**. Barcelona, V. 2, n. 1, pp. 1-8 jan. 2007. Disponível em:

< [http://www.elearningpapers.eu/index.php?page=doc&doc\\_id=8553&doclng=6](http://www.elearningpapers.eu/index.php?page=doc&doc_id=8553&doclng=6) >

Acesso em: 30 maio 13.

- [2] AUPETIT, S; D. *Internacionalización de la educación superior y provisión transnacional de servicios educativos en América Latina: del voluntarismo a las elecciones estratégicas*. Seminario Internacional. IESALC – UNESCO/Conferencia de Rectores. Panamá, 2006. Disponível em: < <http://firgoa.usc.es/drupal/files/didou.pdf> > Acesso em: 08 julho 13.
- [3] BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio – INEP. **Sinopses Estatísticas da Educação Superior- Graduação**. Brasília, 2011. 52 p. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse> >. Acesso em: 29 maio 13.
- [4] BUCHEM, I.; ATTWELL, G.; TORRES-KOMPEN, R. *Understanding Personal Learning Environments: Literature review and synthesis through the Activity Theory*. **Proceedings of The PLE Conference 2011**. Southampton, Reino Unido, 2011. Disponível em: < <http://journal.webscience.org/6587> >. Acesso em: 30 maio 13.
- [5] CASTAÑEDA, L.; ADELL, J. (Eds.). **Entornos Personales de Aprendizaje: claves para el ecosistema educativo en red**. Alcoy, España: Marfil, S.A., 2013. 192p.
- [6] CHRISTENSEN, C; HORN, M; JOHNSON, C. Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender. Porto Alegre: Bookman, 2009. Resenha de: FARIA, P. M. M. Educação, Formação & Tecnologias. v. 5, n. 2, p. 96-98, 2012.
- [7] DELORS, J. et al. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Sao Paulo: Cortez, 1998. 288p.
- [8] DUART, J. M.; LUPIÁÑEZ, F. *Estrategias en la introducción y uso de las TIC en la universidad*. Monográfico *Las TIC en la Universidad: estrategia y transformación*. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento**. Barcelona, vol. 2, n. 1, p. 5-31, maio 2005. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/dim/article/viewFile/87135/112211>>. Acesso em: 29 maio 13..
- [9] DURALL, E. et al. **Perspectivas Tecnológicas: Educação Superior na Ibero-américa 2012-2017**. Uma análise Regional do Relatório Horizon NMC

e da UOC. Austin, Texas, 2012. Disponível em:

<<http://openaccess.uoc.edu/webapps/o2/handle/10609/17381>>. Acesso em: 29 maio 13.

- [10] ESPEJO, A.T. **El complejo de Mark Prensky**, 2007. Disponível em: <<http://teyet-revista.info.unlp.edu.ar/nuevo/files/No6/TEYET6-art12.pdf> >. Acesso em: 29 maio 13.
- [11] FELDKERCHER, N.; MATHIAS, C. V. Uso das tecnologias na Educação Superior presencial e a distância: a visão dos professores. **Revista Iberoamericana de Tecnología en Educación y Educación en Tecnología**. Buenos Aires, n. 6, p. 84-92, 2011. Disponível em: <<http://teyet-revista.info.unlp.edu.ar/nuevo/files/No6/TEYET6-art12.pdf> >. Acesso em: 29 maio 13.
- [12] GARCIA, W. E. (Org.) Inovação Educacional no Brasil. Problemas e perspectivas. 3. Ed. Campinas: Autores Associados, 1985. 309p.
- [13] KENSKI, V. M. Tecnologia educacional: uma nova cultura de ensino e aprendizagem na universidade. In: **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década**. SPELLER, P.; ROBL, F.; MENEGHEL, S. M. (org.). Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012. p. 110-126. cap.3. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/desafios\\_e\\_perspectivas\\_da\\_educacao\\_superior\\_brasileira\\_para\\_a\\_proxima\\_decada\\_pdf\\_only/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/desafios_e_perspectivas_da_educacao_superior_brasileira_para_a_proxima_decada_pdf_only/) >. Acesso em: 29 maio 13.
- [14] MOTA, J. *Personal Learning Environments*: Contributos para uma discussão do conceito. **Revista Educação, Formação & Tecnologias**. Lisboa, Portugal, vol. 2, n. 2, pp. 5-21, novembro 2009. Disponível em: <<http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/105> >. Acesso em: 29 maio 13.
- [15] PACHANE, G. G. (2004). Teoria e Prática na Formação Pedagógica do Professor Universitário: Elementos para Discussão. **Publicatio Ciências Humanas, Linguística**, Letras e Artes. Vol.13, n. 1, pp. 13-24. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/531/533> >. Acesso em: 30 maio 13.
- [16] SEGURA, J. A.; QUINTERO, L. C. Los Entornos Personales de Aprendizaje (PLEs): una nueva manera de entender el aprendizaje. In: Claves para la investigación en innovación y calidad educativas. La integración de las

Tecnologías de la Información y la Comunicación y la Interculturalidad en las aulas. VILA R. R.; FIORUCCI, M. (eds.). Roma, 2010: TRE Universitat degli studi. Disponível em: <

[http://cent.uji.es/pub/sites/cent.uji.es.pub/files/Adell\\_Castaneda\\_2010.pdf](http://cent.uji.es/pub/sites/cent.uji.es.pub/files/Adell_Castaneda_2010.pdf) >.

Acesso em: 29 maio 2013.

- [17] SPELLER, P.; ROBL, F.; MENEGHEL, S. M. (org.). **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década**. Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012. Disponível em: < [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/single-view/news/desafios\\_e\\_perspectivas\\_da\\_educacao\\_superior\\_brasileira\\_para\\_a\\_proxima\\_decada\\_pdf\\_only/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/single-view/news/desafios_e_perspectivas_da_educacao_superior_brasileira_para_a_proxima_decada_pdf_only/) >. Acesso em: 29 maio 13.
- [18] TEIXEIRA, C. M. F. Inovar é preciso: concepções de inovação em educação. 2011. Disponível em: <[http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14\\_02\\_2011\\_13.47.21.977d2f60a39aa3508f154136c6b7f6d9.pdf](http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2011_13.47.21.977d2f60a39aa3508f154136c6b7f6d9.pdf)> Acesso em: 29 maio 13.
- [19] XANTHOPOYLOS, S. P. A experiencia brasileira em educação a distancia e o desafio da próxima década. In: **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década**. SPELLER, P.; ROBL, F.; MENEGHEL, S. M. (org.). Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012. p. 96-109. cap.3. Disponível em: < [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/single-view/news/desafios\\_e\\_perspectivas\\_da\\_educacao\\_superior\\_brasileira\\_para\\_a\\_proxima\\_decada\\_pdf\\_only/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/single-view/news/desafios_e_perspectivas_da_educacao_superior_brasileira_para_a_proxima_decada_pdf_only/) >. Acesso em: 29 maio 13.
- [20] WILSON, S. **Future VLE – The Visual Version**. 2005. Disponível em: < <http://zope.cetis.ac.uk/members/scott/blogview/index-entry=20050125170206.html> >. Acesso em: 29 maio 13.
- [21] WILSON, S. et al. **Personal Learning Environments: Challenging the dominant design of educational systems**. 2006. Disponível em: < <http://dspace.ou.nl/handle/1820/727> >. Acesso em: 29 maio 13.
- [22] WILSON, S. et al. *Preparing for disruption: developing institutional capability for decentralized education technologies*. In: **Proceedings of World Conference on Educational Multimedia, Hypermedia and Telecommunications**. MONTGOMERIE, C.; SEALE, J. (Eds.). Vancouver, Canada. 2007. pp. 1386-1395. Disponível em: < <http://www.editlib.org/noaccess/25557> >. Acesso em: 29 maio 13.